

Texto: Socorro Acioli
Ilustrações: Daniel Diaz

Tempo de caju



Texto: Socorro Acioli
Ilustrações: Daniel Diaz

Tempo de caju



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria da Educação
Secretaria da Cultura*

Governador

Cid Ferreira Gomes

Vice-Governador

Francisco José Pinheiro

Secretária da Educação

Maria Izolda Cely de Aranda Coelho

Secretário Adjunto

Maurício Holanda Mala

Coordenadora de Cooperação

com os Municípios

Márcia Oliveira Cavalcante Campos

Autora

Socorro Acioli

Organização e Coordenação Editorial

Kelsen Bravos da Silva

Preparação de originais

Lidiane Maria Gomes Moura

Projeto, Diagramação e Coordenação Gráfica

Daniel Diaz

Revisão

Marcus Túlio Dias Monteiro

Kelsen Bravos da Silva

Marta Maria Braide Lima

Haristelma Maria de Almeida Moreira

Conselho Editorial

Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda

Marta Maria Braide Lima

Leniza Romero Frota Quindere

Haristelma Maria de Almeida Moreira

Sammya Santos Araújo

Catálogo e Normalização

Gabriela Alves Gomes

Maria do Carmo Andrade

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

CBB71

Ceará, Secretaria de Educação,

Tempo de caixa / Socorro Acioli; Ilustrações de Daniel Diaz. – Fortaleza: SEDUC, 2008.
(Coleção PAIC Prosa Poesia)

24p.: il.

ISBN: 978-85-62362-12-5

1. Lendas. 2. Fábulas. 3. Contos. 4. Literatura infanto-juvenil. I. Título.

CDD 028.5

CDU 37+028.1(8)3.1



Para Maria Inez de Castro Martins,
que me ensina a compreender as lições do tempo...



Era uma vez um curumim que amava caju.
Seu nome era Porã.

Todo o povo de Porã também amava caju.
Mas era preciso ter paciência.

Os cajueiros passavam quase um ano
dormindo, sem dar frutos pra ninguém.

Quando as árvores acordavam, a aldeia
de Porã fazia festa.



As copas verdes ficavam coloridas
de frutos amarelos, avermelhados e
alaranjados, pareciam pedacinhos do sol.





Os índios comiam, bebiam
e respiravam o vento doce dos cajus
enquanto durava a festa.





Até que os cajueiros voltavam a dormir.
Continuavam dando sombra e sossego,
abraçando os curumins nos seus galhos...
mas caju, que é bom, só no ano seguinte.

Quando o último caju era colhido, cada
índio escolhia uma castanha bem bonita e
guardava em uma cabaça secreta, que eles
enfeitavam e escondiam como um tesouro.



Para cada castanha guardada, mais um ano de vida se contava.

Porã tinha quatorze cajus no dia em que seu povo acordou assustado. Com os ouvidos no chão, os índios guerreiros perceberam que uma gente inimiga estava a caminho.

Só deu tempo de cada um pegar a sua cabaça e fugir. Os curumins foram embora olhando para trás, dando adeus aos cajueiros da infância.





Porã tinha duas cabaças para levar: a sua e a do seu avô. Antes de morrer, o sábio Tamandaré deixou as setenta castanhas de sua vida de herança para ele, seu neto mais velho:





— Essa é a proteção do nosso povo, Porã.
Guarde com muito cuidado.

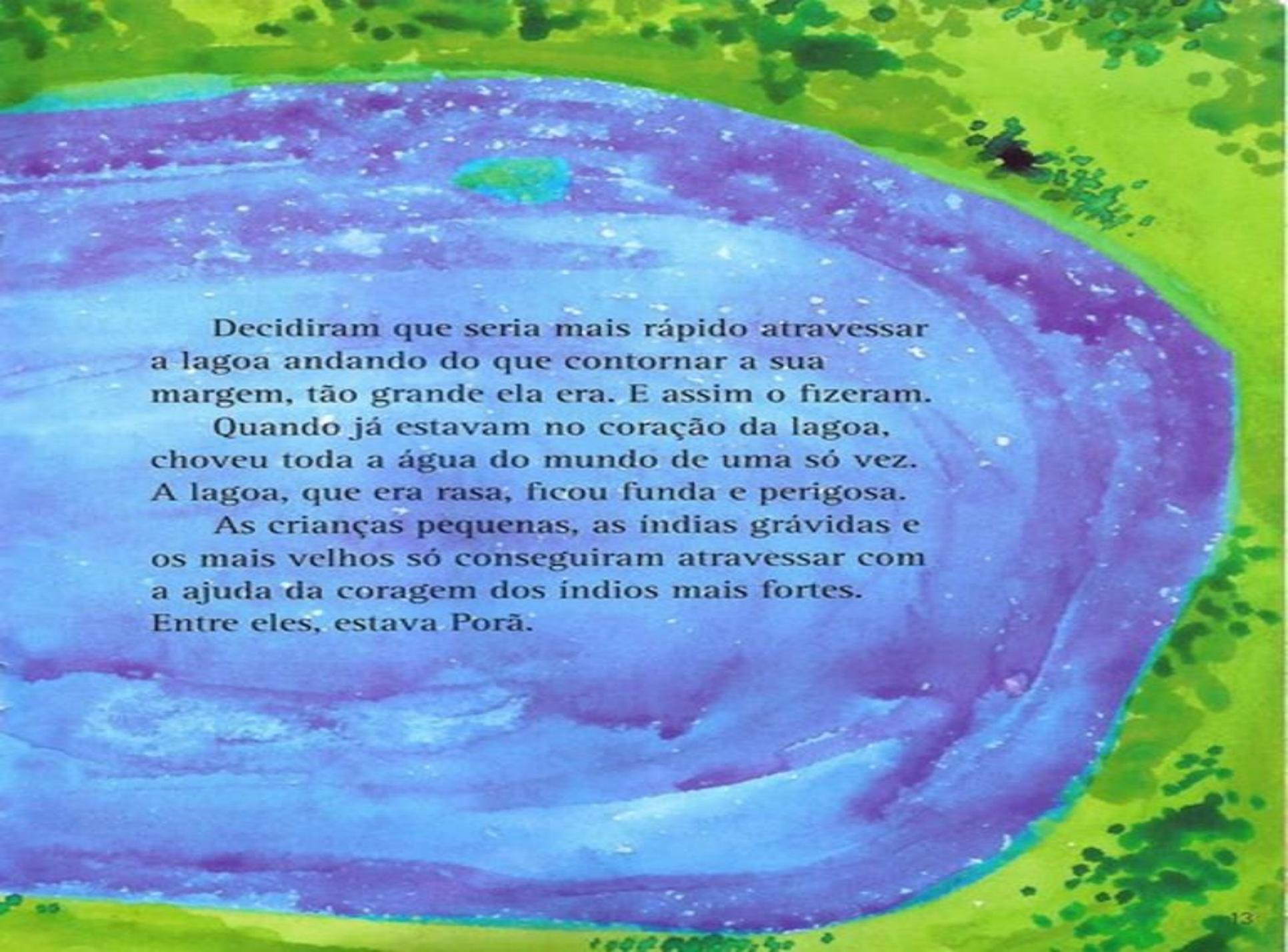
Era uma cabaça enfeitada de lindos peixinhos
que só Tamandaré sabia desenhar. Porã pendurou
seu tesouro com uma alça no pescoço e partiu.





Depois de alguns dias de fuga, o povo de Porã encontrou uma lagoa grande e rasa pelo caminho.



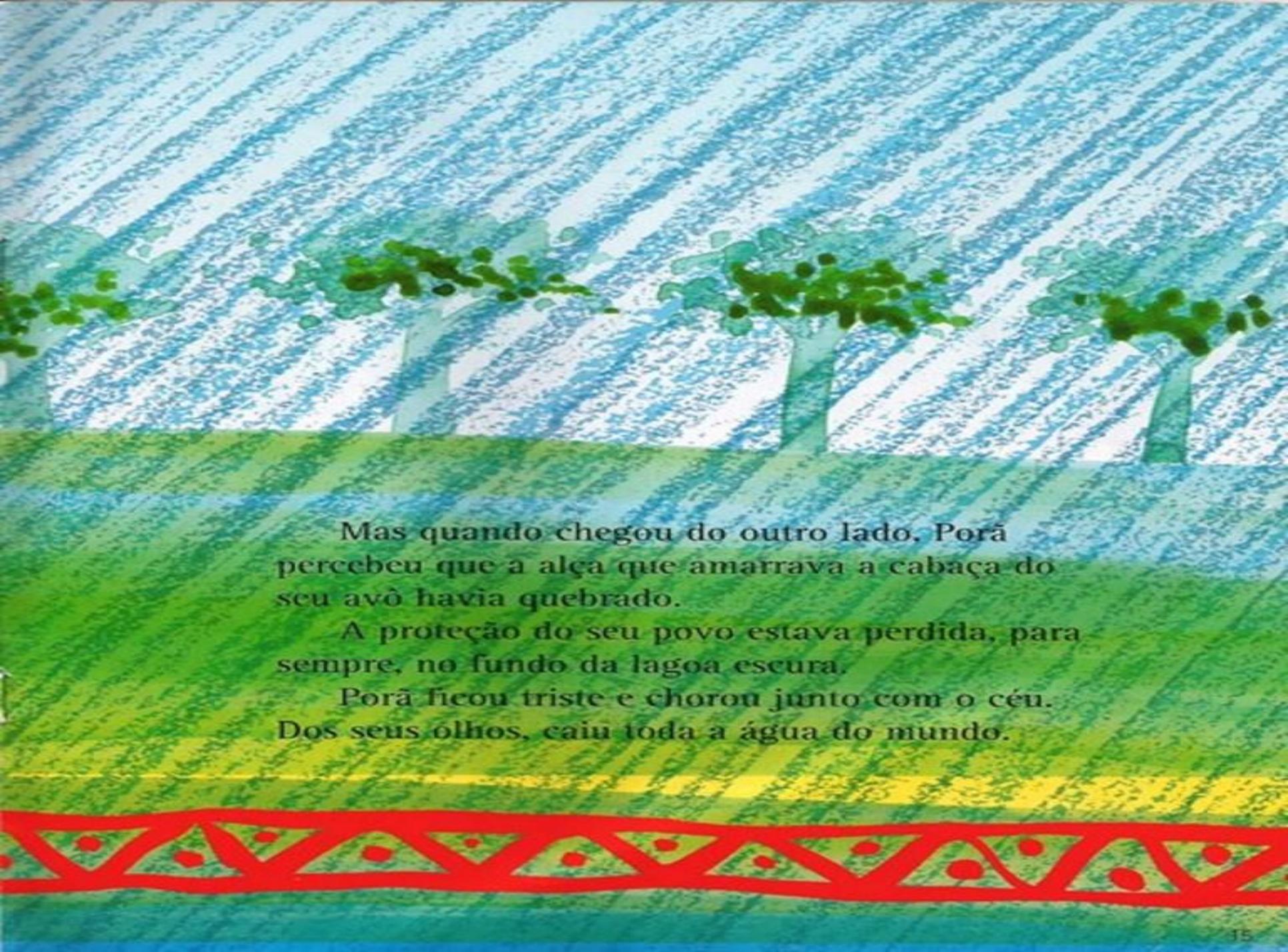


Decidiram que seria mais rápido atravessar a lagoa andando do que contornar a sua margem, tão grande ela era. E assim o fizeram.

Quando já estavam no coração da lagoa, choveu toda a água do mundo de uma só vez. A lagoa, que era rasa, ficou funda e perigosa.

As crianças pequenas, as índias grávidas e os mais velhos só conseguiram atravessar com a ajuda da coragem dos índios mais fortes. Entre eles, estava Porã.





Mas quando chegou do outro lado, Porã percebeu que a alça que amarrava a cabaça do seu avô havia quebrado.

A proteção do seu povo estava perdida, para sempre, no fundo da lagoa escura.

Porã ficou triste e chorou junto com o céu. Dos seus olhos, caiu toda a água do mundo.





Mas o tempo passou e curou a tristeza de Porã.

Ele cresceu, sempre forte e corajoso, virou chefe da aldeia e era amado por todos.

Encontraram um lugar para ficar e viveram em paz por muito tempo.

Mas não para sempre.

Porã tinha trinta cajus quando os índios guerreiros colocaram os ouvidos no chão e perceberam que gente inimiga estava a caminho. Mais uma vez precisariam fugir.

Era obrigação de Porã salvar o seu povo, mas ele não sabia para onde ir.

Naquela noite, Porã encontrou Tamandaré nos seus sonhos. Enquanto os dois pescavam na beira de um rio, seu avô lhe deu um recado:

– Quando a gente não sabe aonde ir, é melhor voltar por onde veio.



Os pés de Porã amanhecera molhados das águas daquele rio. E seu coração, forte como nunca.

Nas primeiras horas do dia, Porã reuniu todo mundo e anunciou que era hora de partir.

Andaram dias e noites, sem saber para onde estava indo. Mas Porã sabia.

Mesmo sem avistar nenhum sinal da lagoa que deveria encontrar, ele confiava no sonho. E seguia sem parar.

Na décima primeira noite, a mais escura de todas, Porã caiu no chão com um grito de dor.

Seu pé estava cortado e sangrava muito. A caravana parou ali mesmo para passar a noite e cuidar do seu chefe, porque ele não conseguia mais andar.



Porã ficou com muita raiva. Tentou desenterrar a pedra que feriu o seu pé, mas percebeu que aquilo não era uma pedra. Era um pedaço da cabaça perdida de Tamandaré, com seus lindos peixes desenhados.

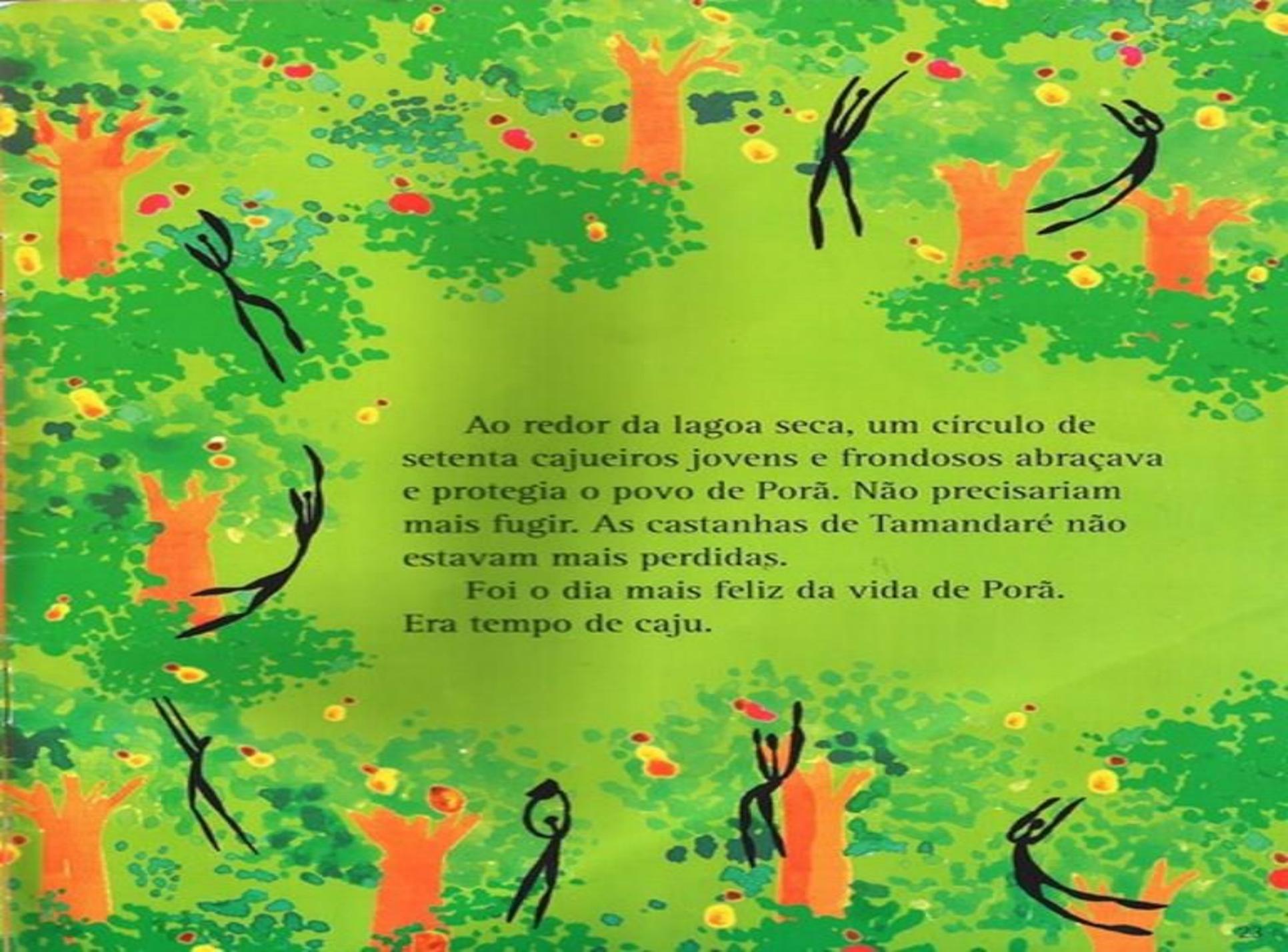
A cabaça, vazia e quebrada, ficou presa no fundo da lagoa, que agora estava seca.



Nessa noite, Porã dormiu em paz.
Agora sabia que estava no caminho certo.
Porã despertou no dia seguinte com
a risada alegre dos curumins. A luz do dia
mostrou o presente que a noite escondia.







Ao redor da lagoa seca, um círculo de setenta cajueiros jovens e frondosos abraçava e protegia o povo de Porã. Não precisariam mais fugir. As castanhas de Tamandaré não estavam mais perdidas.

Foi o dia mais feliz da vida de Porã.
Era tempo de caju.



Socorro Acioli

Nasceu em Fortaleza, em 1975. Já foi criança, mas teve que crescer. Fez faculdade de Jornalismo, Mestrado em Literatura e trabalha como escritora de livros infantis. Já ganhou vários prêmios literários e estuda muito para escrever cada vez melhor. Foi a Cuba e teve aulas com Gabriel García Márquez. Foi à Alemanha, e trabalhou em uma biblioteca que fica em um castelo de verdade. Mas por mais que viaje pelo mundo, ela nunca esquece do cheiro e do gosto dos cajus da sua infância.



Daniel Diaz

Ilustrador e design gráfico, nasceu em Fortaleza (CE) em 1976. A maior parte de sua produção é destinada ao público infantil. Prova disso é que, no ano de 2005, ele ilustrou e organizou o projeto gráfico do livro ganhador do prêmio de melhor obra infantil, oferecido pela Secretaria de Cultura do Ceará, que também fez jus ao selo de Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ. Participou da concepção e coordenação do I Festival Internacional de Ilustradores do Ceará e da Exposição *Ilustração - mil e uma utilidades*, evento anexo à VII Bienal Internacional do Livro do Ceará de 2006. Atualmente, toca projetos editoriais, participa de ações educacionais e ainda encontra fôlego para ilustrar e escrever o blog www.outrosdiaz.blogspot.com

Apoio



unicef



Realização



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria da Educação
Secretaria da Cultura*

PAIC
PROSA
ROSA
OESIA
CULTURA

O Governo do Estado do Ceará desenvolve com os municípios, o Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC), cujo compromisso prioritário é a elevação da qualidade da leitura e escrita de todos os alunos das séries iniciais de toda a rede municipal. A coleção de literatura do Paic, rica em identidade cultural, reúne narrativas de autores do Ceará, um estímulo a mais para se ler e contar histórias em sala de aula.

ISBN 978-85-62362-12-6



9 788562 362125

